

Aprendizagens com tecnologias, artes e comunicação em cursos de formação docente

Tania Maria Esperon Porto*

Resumo

Num contexto de incertezas, dificuldades e mudanças, trazemos para reflexão algumas vivências educativas no curso de Pedagogia, espaço de formação docente na universidade, com professoras em atuação em escolas de ensino básico. Vivenciamos uma experiência muito interessante como professora e aprendiz na disciplina de Metodologia de Artes. As experiências buscaram resgatar brincadeiras, histórias de infância, ludicidade, cotidianidade e prazer de estar na escola. Procuramos criar e desocultar possibilidades de uso de diferentes linguagens comunicacionais e artísticas. Algumas experiências foram vivenciadas com o corpo; outras evidenciaram o uso de mídias tecnológicas e comunicacionais; e outras procuraram afinar o aprendizado de ouvir, ver, sentir e brincar, ainda tão distantes da maioria dos cursos de formação docente. Neste contexto, trago para reflexão algumas aprendizagens da professora universitária entremeadas com as das alunas-professoras, que, juntas, se abriram para viver e experimentar jogos, brincadeiras e situações de sensibilidade. As alunas-professoras trouxeram, como pano de fundo para as reflexões e vivências, aspectos de sua subjetividade, carreira, processos de formação que dizem respeito ao exercício da profissão e de seu papel de mulher na sociedade. Construímos uma didática que proporcionou diferentes formas de pensar e de se comunicar; cada uma trouxe as emoções como companheiras da jornada na construção de conhecimentos. Vivemos uma pedagogia em movimento, que ampliou os espaços e tempos de aprendizagem, os processos de educação e de comunicação, as vivências com linguagens variadas, sem perder de vista a reflexão sobre a construção de seus processos de formação, aceitando-se e respeitando-se porque “sem aceitação e respeito por si mesmo não se pode aceitar e respeitar o outro, e sem aceitar o outro como legítimo outro na convivência, não há fenômeno social” (MATURANA, 1998, p. 31).

Palavras-chave: Formação Docente. Artes. Prazer. Reflexão.

Learning with technologies, art and communication in teaching formation courses

Abstract

In a context of uncertainties, difficulties and changes, we bring into reflection some educational experiences in the Pedagogy course, where teaching formation takes place at university, with teachers working in primary school. We lived a very interesting experience both as a teacher and learner in the Art Methodology

* Profa. do Programa de Pós Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas/UFPeL. Atualmente é membro do Comitê científico da ANPed.

subject. The experiences focused on retrieving plays, childhood stories, playfulness, daily life and pleasure of being at school. We attempted to create and unveil possibilities of using different communicational and artistic languages. Some experiences were lived with the body; others made it evident the use of technological and communicational media; and others attempted to improve the learning of listening, seeing, feeling and playing, which are still so far from the majority of courses of teaching formation. In this context, I bring into reflection some learning from the university teacher together with that of the teacher-students, who opened themselves together for living and trying games, plays, and sensitivity situations. The teacher-students brought, as a background for the reflections and experiences, aspects of their subjectivity, career, formation processes which concern the practice of their jobs and of their roles as women in society. We built didactics which made it possible to develop different ways of thinking and of communicating, the experiences with various languages, without losing the reflection about the construction of their formation processes, accepting and respecting themselves because "without acceptance and respect towards oneself it is not possible to accept and respect the other, and without accepting the other as a legitimate other in sociability, there is no social phenomenon" (MATURANA, 1998, p. 31).

Keywords: Teaching Formation. Art. Pleasure. Reflection.

Ousar... começar

Olho, vejo,
paro e escuto,
sinto e me entrego.
*Experimento*¹.

A formação docente nas atuais circunstâncias sociais, culturais e pedagógicas envolve um conjunto de estratégias que não pode deixar de considerar as demandas destas situações. Demandas que vão desde o mal-estar docente para lidar com situações inesperadas de sala de aula, até conteúdos curriculares impostos por uma legislação e/ou por uma escola cada vez mais desvinculada da cotidianidade. Os docentes sentem-se, muitas vezes, incomodados e incapacitados para lidar com as demandas postas pelas diferentes áreas da sociedade, principalmente com aquelas que dizem respeito à contemporaneidade discente, mais especificamente às relacionadas com os temas da cultura estudantil, tão distantes da sala de aula. Situações de instabilidade, incertezas e mudanças estão presentes na realidade escolar evidenciando o despreparo dos professores para lidar com o que elas proporcionam. Assim, neste contexto de incertezas, dificuldades e mudanças, trazemos para reflexão algumas vivências educativas na Pedagogia, espaço de formação docente na universidade, com professoras em serviço², a partir de agora denominadas alunas-professoras. No segundo semestre de 2004

vivenciamos, com a *Turma 10*, uma experiência muito interessante como professora e aprendiz na disciplina de Metodologia de Artes.

Cada experiência aqui relatada não tem a pretensão de escamotear as dificuldades experimentadas nessa turma, até porque com elas crescemos – turma grande, com interesses díspares – frente a uma proposta de aproveitar e/ou criar ambientes que propiciassem experiências de vida e de trabalho.

Cada experiência, e todas juntas, buscaram resgatar brincadeiras, histórias de infância, ludicidade, cotidianidade e prazer de estar na escola. Isto porque entendemos a escola como um lugar de movimento, que não é previsível e linear (como entendiam algumas correntes pedagógicas), porque é composta por pessoas em relações (PORTO, 2003a). Escola em movimento é aquela que busca a aproximação com as linguagens contemporâneas; é a que percebe mudanças nas formas de pensar, ser e estar no mundo, pressupondo, também, mudanças nos relacionamentos dos estudantes entre si, destes com os professores e de ambos com os conhecimentos e saberes que os compõem.

Procuramos criar e desocultar possibilidades de uso de diferentes linguagens comunicacionais e artísticas. Algumas experiências que vivemos sugerem cenas vividas mais com o corpo; outras evidenciam o uso de mídias tecnológicas e comunicacionais; e outras procuraram afinar o aprendizado de ouvir, ver, sentir e brincar, ainda tão distantes da maioria dos cursos de formação docente.

Assim, trago para reflexão algumas aprendizagens da professora universitária, entremeadas com as das alunas–professoras de escolas de ensino fundamental, que juntas abriram-se para aprendizagens, jogos e brincadeiras. Alves (2005) apresenta que a vida justifica-se pelo prazer e alegria, que são moradores da fruição. Ainda segundo essa concepção, a Arte e o brinquedo “são a mesma coisa: atividades inúteis que dão prazer e alegria. Poesia, música, pintura, escultura, dança, teatro, culinária: são todas brincadeiras que inventamos para que o corpo encontre a felicidade, ainda que em breves momentos de distração, como diria Guimarães Rosa” (2005, p. 16). Assim, vivemos momentos de alegrias, brincadeiras em aparentes situações de descompromisso com os saberes científicos, normalmente presentes na academia. Brincamos, dançamos, cantamos e nos emocionamos em atividades “inúteis”, segundo alguns conceitos de racionalidade técnica.

O professor que dialoga e reflete com os alunos tem a capacidade de utilizar o pensamento como atribuidor de sentidos e significados. A reflexão, a interação, os movimentos e a dialogicidade conduzem professores e alunos a um processo de convivência. E nesse processo de convivência, o crescimento de ambos acontece impulsionado pela busca de espaços de liberdade, autonomia e ação, permitindo ao indivíduo, o estabelecimento de relações e vínculos com os outros (PORTO, 2005).

Escolher... e fazer o caminho

Luzes que se completam
numa viagem sem volta.
Em caminhos de alegria,
em caminhos de aprendizagem
a busca da sabedoria e
o transbordamento da emoção.

Ao assumirmos um modelo comunicacional para o ensino de Artes, procuramos ampliar o leque de linguagens através das quais podem ser abordados os conhecimentos nesta área e viabilizada a comunicação humana, por entendermos que a maioria das linguagens utilizadas nos textos pedagógicos e na escola em geral, não valoriza as emoções, o humor, a ironia, os sentimentos (PORTO, 2003a).

Pretendendo aproximar-se de uma fala mais científica, as linguagens utilizadas na escola afastam-se de seus interlocutores. Para Penteado, “cumpre-nos refinar o uso da linguagem oral e escrita com que tradicionalmente trabalhamos... e explorar outras linguagens como a pictórica, a musical, a literária, a expressão corporal, a cinematográfica, a televisual” (2002, p. 23). As linguagens propostas pela autora envolvem diferentes formas de comunicação, além de possibilitarem a manifestação de sentimentos, saberes e conhecimentos.

Nosso processo educativo na universidade aconteceu permeado por diferentes linguagens em Artes e comunicação. Aprendemos em oficinas reflexivas e interacionistas de música, dança e poesia; TV, vídeo e filmes; jogos dramáticos e psicodramáticos. Essas linguagens surgiram intermediadas por professores convidados de diferentes contextos que propiciaram diálogo, partilha e consideração ao outro que pensa/age igual ou diferente de nós. Vivemos um processo educativo de valorização dos sujeitos, de suas culturas, suas especificidades, saberes, habilidades e experiências. As alunas-professoras deixaram de ser meras ouvintes para serem sujeitos em caminhada. Foram valorizados seus conhecimentos, suas motivações e experiências. Trabalhamos com vivências a partir de diferentes linguagens e conhecimentos, segundo a lógica dos desejos, dos sentidos e significados. Utilizamos o termo vivência para significar espaços de experimentações, não uma simples experimentação de metodologias, mas experimentações de si, para captar, viver e sentir em profundidade. Propiciamos caminhos que trouxeram diferentes contextos, situações, sentimentos e práticas individuais e coletivas, aspecto este observado por uma das alunas-professoras na avaliação da disciplina.

“Procuraste de várias maneiras diversificar as aulas, trazendo outras pessoas para dar palestras e fazer oficinas.” Margareth

As interlocuções com os sujeitos – professora da disciplina, professores convidados e alunas-professoras em serviço – fizeram emergir o diálogo, o

respeito e consideração aos diferentes, em processos de construção de conhecimentos. É o que Maturana (2001) chama de aceitação do outro como legítimo, nas suas vicissitudes e alteridades, respeitando os diversos espaços e tempos de formação. Assim, a relação humana é entendida como movimento, sendo construída com e pelos sujeitos em função das demandas educativas e comunicacionais, conforme os depoimentos a seguir evidenciam.

“As aulas foram diversificadas, resgatando muitas habilidades que estavam adormecidas em nós docentes”
(aluna- professora não se identificou)

“... cada conteúdo trabalhado fez com que eu refletisse sobre minha prática pedagógica. Mesmo que em algumas aulas tenha me negado a participar. O que mais gostei foi das aulas práticas que tocaram o nosso eu, pois nos mostraram o quanto é importante trabalhar as emoções e também as emoções dos alunos.” Ester

Elas e eu funcionávamos “em estéreo”, conforme conceitos de Babin e Kouloumdjian (1989). Os autores entendem a “escola em estéreo”, aquela que utiliza duas pistas (integração entre os dois hemisférios do cérebro), dois tempos no sistema de formação do aluno. As duas pistas significam trabalhar considerando o raciocínio, a cognição, sem deixar de atender aos apelos dos sentidos e das emoções. A afetividade, a imaginação e a análise compreensiva acontecem num entrecruzamento, sem sobreposição de uma sobre a outra (PORTO, 2003b). Os sentidos agem junto às racionalidades como superposição de significantes, combinando e reforçando significados que não mais se assentam em certezas, mas avançam sobre possibilidades, desafios e caminhos em mutação, que superam os estreitos limites das racionalidades. Nesta concepção educativa, o conhecimento amplia-se pelas relações que procedem “das diferenciações e pelo alastramento das raízes em busca de novas e variadas interfaces” (SANTOS, 1999, p. 48), no caso em questão, pelo despertar dos sentidos e significados que as linguagens proporcionam.

No processo em análise, às vezes, eu era a professora que exigia o registro funcional analítico, rigoroso e seqüencial, o que em muitas oportunidades despertou-lhes descontentamento³; às vezes, eu lhes proporcionava o registro artístico, intuitivo e sensitivo, auxiliando-as com passagens de um para o outro, respeitando a manifestação da criatividade, os pontos de vista e as predominâncias diferentes, como aconteceu quando as alunas-professoras escreveram cartas para as primeiras professoras que tiveram. Nesta oportunidade, procuramos resgatar imagens de sua infância e adolescência, de forma que refletissem sobre si mesmas e percebessem sentidos e significados (vividoss, planejados, superados, imaginados, vencidos, não-alcançados...), racionalizando sobre seu potencial de sujeito adulto e professora. Em minhas mãos, foram surgindo cartas, recados, desenhos e poesias, encharcados de lembranças, sentimentos, lágrimas e sorrisos de um tempo importante e significativo para as docentes em formação (PORTO, 2005a). Percebi que elas traziam à tona, as

crianças e os jovens que foram, as amigas e professoras da época, as recordações de tempos e locais vividos através de “imagens apagadas ou sonolentas, como renascimento e re-presentação dos movimentos que as vão construindo infinitamente... repousando numa relação reflexiva entre o vivido e o desejado”, conforme apresenta Peres (2002, p. 155).

Para Assmann (1999), o educador é quem consegue desfazer as resistências ao prazer do conhecimento, logo pedagogia é encantar-se e seduzir-se reciprocamente (professoras e alunas) com experiências de aprendizagem. Assim entendemos, que a sala de aula é lugar de fascinação, prazer, movimento e novidade, como salienta Sibeles na avaliação da disciplina de Metodologia de Artes:

“Sua preocupação com o aluno e com o prazer que ele deve sentir ao estar na escola me entusiasmou muito... o que mais gostei foi o dinamismo com que a professora encaminhava as aulas; nenhuma era igual a outra; sempre havia uma surpresa, um questionamento, um estímulo... acredito que ela tenha plantado boas sementes e tenha acordado o compromisso que cada uma de nós assumiu quando escolheu a área educacional como profissão.”

“A aprendizagem no coletivo pressupõe movimento e provisoriedade. Sempre há algo para aprender. E se há algo para aprender, é porque os professores não sabem tudo e, estando abertas para ouvir e conversar com os colegas, seus conhecimentos estão em construção” (PORTO, 2003a, p. 91), conforme percebeu Mirian O. no depoimento a seguir: *“nunca me esqueço que o nosso viver é uma constante aprendizagem”*.

As reflexões de Sibeles e Mirian (parágrafos anteriores), Silvia e Solange (parágrafos posteriores) sobre o semestre, mostram um pouco as práticas de ensino vividas, evidenciando as descobertas de si e dos outros, as relações e comunicações das alunas-professoras, na construção de conhecimentos, a partir da realidade de cada uma:

“As oficinas e seminários foram dinâmicos, buscando a participação de todos, tentando fazer com que nos descontraíssemos e percebêssemos a importância da descoberta de si mesma e da participação de todas. Esta busca por nos descobrirmos é muito importante, pois a partir daí estamos mais dispostas na realização de nosso trabalho. Como é importante conhecermos nossos alunos, saber de suas vivências, de suas preferências...”
Silvia

“Revisitando meu pequeno caderno de anotações e recordando as temáticas desenvolvidas, encontrei pistas que me fizeram descobrir que a grande maioria das

temáticas fundamentou ainda mais minha prática de professora. Acredito que no cotidiano escolar o movimento é presença. Minha prática esteve assentada no desenvolvimento da afetividade e do diálogo, objetivando a compreensão dos problemas e o exercício da criticidade.” Solange

Aprendizagens do ver e ouvir (*música e poesia*)... Aprendizagens com o corpo (*dança, teatro e psicodrama*)

Já faz um tempo eu quis ser professora
e fui.
Hoje, ainda professora quero ser mais
e sou.
Já faz um tempo eu admirava os artistas
e sorria.
E hoje, ainda admirada me vejo artista
da vida que crio.
Já faz um tempo eu pensava que era feliz
e era.
E hoje, ainda pensando em ser feliz, sou mais
e mais aprendiz.

Assinala Rubem Alves (2005): nossos sentidos são todos órgãos de abrir-se para o mundo, de ter prazer nele. E qual é a tarefa da educação senão levar-nos a aprender a amar, a sonhar, a construir os próprios caminhos, a descobrir novas formas de ver, ouvir, sentir e refletir, aceitando os desafios dos caminhos no mundo?

Ver, ouvir, sentir, perceber e ousar são formas de comunicação que nos conectam com os outros e com nós mesmos. Poesia, música, dança são linguagens comunicacionais no campo das Artes, que também nos conectam com os outros e conosco. A magia destas linguagens e formas de comunicação não está nas temáticas abordadas e nem nas metodologias de trabalho. Está nos interstícios comunicacionais que acontecem entre os sujeitos; está nos olhares, nos corpos em movimento; está no balançar das mãos, pernas, braços e cabelos que mostram o envolvimento dos aprendizes com os contextos. São linguagens que emergem como respostas às propostas de ensino. Está, como diz o autor, nos espaços silenciosos que há entre as palavras e é nesse silêncio que se ouve a melodia que não havia. “Aí a melodia acontece: a melodia me faz chorar.” (ALVES, 2005, p. 27)

Em diferentes momentos da disciplina, procuramos levar para sala de aula, poesias, crônicas, músicas e histórias relacionadas com as temáticas por nós abordadas. Como não é possível descrevermos todas as vivências que tivemos com as alunas-professoras no espaço de um semestre letivo, escolhemos para contar a aqui, duas experiências que foram envolventes e significativas para todos: **uma oficina de música, poesia e dança** e outra de **psicodrama sobre**

o ser criança. Ambas as situações foram intensamente vividas e sentidas tanto pelos convidados/as, como por nós que delas participamos.

Viver a poesia, a música, a dança, o ser criança é muito mais importante do que falar delas, do que escrever e ler sobre elas, do que aprender sobre elas. Viver é sentir, é deixar-se envolver, é brincar e se “lambuzar” com essas linguagens. Esta era nossa proposta. Levamos para as aulas vários convidados/as que trouxeram algumas linguagens artísticas, escolhidas pelas alunas-professoras para serem “estudadas”. Mas escolhemos não uma temática ou um caminho de estudo através da cognição. Para Alves, a inteligência cognitiva não procura a emoção. “É a emoção que procura a inteligência. É a emoção que deseja ser eficaz para realizar o sonho” (2005, p. 20). Escolhemos o caminho de vivências em linguagens artísticas de forma que nos despertassem o prazer, o sorriso, as lágrimas, a vontade de brincar, cantar, dançar, fazer poesia, enfim, de despertar o imaginário, a criatividade e a criança que existe em nós. Mas a capacidade de brincar, sonhar, criar e perceber a criança também precisa ser aprendida. Não pelo raciocínio, mas pelo corpo, pelos sentidos, pelos desejos. O autor assinala que nossos sentidos são órgãos de fazer amor com o mundo, de ter prazer nele. “Mas [para tal] não basta ter olhos, ouvidos, nariz, pele...” (ALVES, 2005, p. 20) Os sentidos precisam ser despertados.

Músicas, poesias e danças... Noite mágica. Estava quase perto das festas natalinas. Era a noite do dia 15 de dezembro de 2004. As alunas-professoras estavam agitadas; além disso, me viram “descarregar” do carro, os instrumentos musicais. A expectativa com os convidados era muita. A aula ficou cheia. Além do burburinho e dos sussurros, vi em seus olhares, a excitação da novidade. Como crianças, elas vinham me perguntar quem eram nossos convidados⁴, o que iam tocar, cantar, declamar. E a aula começou num misto de curiosidade, brincadeiras, algazarras. As notas musicais tocadas por Janice ora com seu acordeom, ora com o teclado, ora com o violão encheram a sala, completaram nossos ouvidos e olhos, fazendo-nos balançar as pernas, os braços, a cabeça e o corpo todo. A princípio, muito timidamente, mas aos poucos, todas foram se contagiando e se deixando envolver com as músicas populares (de Simone, Caetano, Chico...), com as brincadeiras e cantigas de roda (populares). Todas nós fomos convidadas a cantar e dançar, lembrando de cantigas e brincadeiras infantis. Até mesmo nosso convidado poeta entrou na roda, dançou, brincou e declamou versos de infância. Aos poucos voltamos a ser crianças. Nossos olhares e escutas sensíveis estavam satisfeitos. A satisfação era visível em nossos corpos. Para completar esta noite mágica, começou o poeta a declamar poesias. Aí todas nós nos sentimos impelidas para também declamar as poesias que havíamos trazido. Algumas compostas por nós (professora e alunas-professoras), outras de poetas famosos, tais como: Carlos Brandão, Clarice Lispector, Lya Luft, Pablo Neruda, Rubem Alves, Thiago de Mello... além, é claro, das poesias feitas por nosso convidado, que disse não gostar de ler suas produções. Assim foram passando as três horas de aula com a turma totalmente envolvida; além de viver as experiências em profundidade, as alunas-

professoras questionavam e refletiam com os convidados sobre o processo de serem professoras, poetisas e sobre a utilização destas linguagens em sala de aula. Em nenhum momento ninguém perguntou como se faz poesia ou música. Eu, como professora da turma também não estava preocupada em ensinar a escrever poesia. Queria, simplesmente, que todas vivessem a poesia, sentissem, curtissem e se impregnassem dela.

Na avaliação da disciplina, muitas delas disseram que o que mais gostaram foi

“o dia em que vieram aquelas pessoas com instrumentos musicais e cantamos muito. Aquele senhor que declamou várias poesias. Foi fantástico. Embora eu estivesse muito cansada, me fez muito bem. Por mim eu o escutaria a noite toda.” Margareth

Para encerrar a aula, convidei-as a produzirem suas poesias. Aí, quem ficou extasiada fui eu. Apesar de algumas alunas-professoras não se sentirem a vontade para fazer a tarefa na aula (*por não ser espaço de recolhimento*, como uma delas apontou), a grande maioria produziu poesias lindíssimas, que foram prazerosamente lidas para as colegas. Suas poesias falavam de si, da aula que tiveram, de suas atividades profissionais. Vimos surgir escritas sobre amores, dificuldade, tristezas, alegrias, recados, fantasias, vida...

Como não dispomos de espaço para reproduzir todas as poesias que chegaram em nossas mãos (respeitamos o direito daquelas alunas-professoras que não quiseram ler sua produção e/ou dar uma cópia para mim), tivemos a difícil tarefa de selecionar algumas; para tal, consideramos o objetivo deste texto – aprendizagens de professoras:

O que fazer? (Madalena)

Se eu não sei escrever
Tentarei, após tanta sensibilidade
trazida dos lábios de artistas que vieram à
faculdade.
Com certeza muito nos trouxeram:
carinho, amor, reflexão e amizade.
Que bom que um dia eu pudesse chegar aos pés
desta autoridades
da poesia, da música, de tanta sensibilidade.

Obrigada (Sibele)

gostaria de agradecer este fim de entardecer.
Onde todos se encontraram
Onde todos se encantaram
Com a presença do amor, com a presença do
humor.
Onde todos libertaram sua expressão criadora.
E a nossa alma foi a maior inspiradora.

Dela tiramos o melhor.
Nela encontramos o maior, o verdadeiro sentido da vida.

Para dois (Eledy)

Foi uma noite criança
de alegria, aplauso e dança.
Janice é melodia e Gilfredo com magia,
deixou na alma a esperança.

Psicodrama sobre o ser criança... Era noite de 27 de outubro de 2004. Nossa convidada nesse dia era uma psicóloga e professora da UCPEL – **Algaídes Rodrigues** –, que tinha como proposta propiciar reflexões e vivenciar uma sessão de psicodrama⁵ sobre crianças – sujeitos de trabalho das alunas-professoras. No início da aula, ouvimos músicas populares infantis do CD “Caixinha de Dormir”, que tinha como objetivo fazer um aquecimento (primeira etapa do psicodrama), onde cada aluna-professora se imaginava criança. Iniciamos os relatos sobre o que era ser criança, quando uma menina de mais ou menos nove anos – Priscila – entra na sala de aula, oferecendo suas balas para vender. E eu lhe digo que ainda não está no intervalo, ao que ela insiste que não vai levar muito tempo. Conta uma história sobre suas vendas para poder retornar logo para casa. Então, vencida por aquela carinha linda, deixo-a entrar (o que ela já havia feito). Peço licença à professora convidada e aproveito o momento para colocar a menina no círculo da sala de aula e começar com ela dialogar. Perguntei-lhe se sabia o que estudávamos ali, o que ela respondeu “*pensar ser coisas de mulher*.” Eu lhe disse que não era bem isso e que olhasse bem para os rostos de todas as pessoas na classe e dissesse o que elas pareciam ser. Sem pestanejar, Priscila disse que eram “*professoras*”.

Pronto, estava quebrada a barreira; a menina sentiu-se totalmente integrada, quando viu os olhares de satisfação em cima de si e abriu-se para responder tudo que queríamos saber. Foi se soltando e contando “coisas” de ser criança, de sua escola, de família e relações. Ela nos deu uma aula prática sobre ser criança; foi inclusive para o quadro de giz para demonstrar diferenças entre ser adulto e ser criança. Estávamos todas enamoradas da Priscila. Bebíamos suas palavras, seus trejeitos e suas habilidades comunicacionais, expressando suas peripécias de criança e sua habilidade e espontaneidade para vender e andar na rua à noite.

Ela é uma criança especial, o que gerou outras reflexões sobre os alunos especiais que temos e não percebemos. Uma das alunas-professoras contou, inclusive, que tinha sido menina de rua em sua infância e que também vendia doces na rua. Hoje ela lê, escreve poesia e é professora. Priscila foi a nossa professora na noite. Mais do que a Algaídes que havia se preparado para conduzir o psicodrama e as reflexões, a menina indicava-nos caminhos sobre a infância com situações empíricas que extrapolavam a teoria estudada. Em suas falas vimos surgir elementos tratados por Fusari, Paulo Freire, Piaget, entre

outros autores estudados. As alunas-professoras estavam exultantes, perguntando-nos se havíamos preparado aquela dramatização, aquele teatro onde ora éramos expectadores, ora protagonistas. O psicodrama cumpriu com todas suas funções. Algaídes continuou seu planejamento, saindo também extasiada da classe.

Que aprendizagens adquirimos com esta experiência? Entre muitas, percebemos que podemos aprender e ensinar não só com o contexto pedagógico planejado, mas com os contextos e situações que se apresentam na sala de aula, trazidos pelos interlocutores do ensino, ou originados do momento. Nós não nos perturbamos com a interrupção da aula pela menina. Pelo contrário, aproveitamos esta criança como “linguagem de trabalho”. Seguimos nossa intuição, quando percebemos a oportunidade surgida e o potencial da menina a ser aproveitado naquela noite, considerando que o psicodrama trabalha com o imprevisto, a espontaneidade do momento.

Esta noite, como a anteriormente relatada (sem considerar ordem cronológica), serviu para eliminar fronteiras entre professoras e alunas-professoras; conhecimento científico e de senso-comum; adultos e crianças; razão e emoção, corpo e mente.

Filosofar... deixar-se ir

Uma imagem de mulher
professora, mãe
artista, aprendiz.
Uma mirada
nas luzes e sombras da ação.
Um reflexo de mulher
num tempo presente
construído e vivido
em luzes e sombras de emoção.

Na escola tradicional, o professor apossa-se do ouvido do aluno, enchendo-o com receitas, teorias, autores, metodologias, conceitos, muitas vezes não só distantes como desconexos da realidade dos alunos, crianças e jovens cuja meta primeira é brincar, experimentar e satisfazer-se. Alves escreve que há muitos cursos de oratória que ensinam a falar, falar e falar; e não há cursos de “escutatória”. Todos querem ser escutados; as crianças também. Se as ouvimos, elas têm muito a nos dizer. Precisamos, como aprendizes de professoras, acordar e/ou afinar nossos ouvidos, pois no silêncio das crianças “há um programa de vida: sonhos. É dos sonhos que nasce a inteligência. A inteligência é ferramenta que o corpo usa para transformar os seus sonhos em realidade. É preciso escutar as crianças para que sua inteligência desabroche” (ALVES, 2005, p. 29).

Buscamos, com esta experiência comunicacional, uma concepção

de escola como espaço de criação de saberes, de oportunidades, de vivências, de questionamentos, de decisões e de (in)certezas como uma **das principais responsáveis pela aquisição e sistematização de conhecimentos, valores e conceitos de vida**. Vida próxima de seus sujeitos, com necessidades concretas de sorrir, falar, procurar, pegar, largar, cantar, brincar e ser feliz.

As alunas-professoras trouxeram, como pano de fundo para as reflexões e vivências, aspectos de sua subjetividade, carreira, processos de formação que dizem respeito ao exercício da profissão e de seu papel de mulher na sociedade. Elas evidenciaram a necessidade de se mostrarem, pois nossa programação curricular foi além das questões de sala de aula; envolveu questões relacionadas com a identidade e subjetividade de docente e discentes. A experiência evidenciou que os sentimentos, os corpos, os prazeres, a intuição e a imaginação podem ser utilizados em situações de aprendizagens de professoras, contribuindo para que elas sejam despertadas para tal, pois, para utilizarem estas linguagens em suas classes, necessitam já as terem experimentado em suas práticas como aprendizes.

Elas viveram e se envolveram em processos de ensino e aprendizagem de uma forma em que a reflexão, a criatividade e a produção de conhecimentos estiveram associadas às vivências, ao prazer e à inventividade. Para Assmann (1999, p. 30), “o conhecimento só emerge em sua dimensão vitalizadora quando tem algum tipo de ligação com o prazer.” O conhecimento não é apenas resultado de operações mentais. A ativação da cognição vem entretecida de emoções, sentimentos e corporeidade, como mostram as reflexões de Terezinha e de Neiva, na avaliação da disciplina:

“(As aulas propiciaram) momentos agradáveis e me entusiasmarem até mesmo a declamar e mostrar alguns poemas que escrevo... foste balançando meus sentimentos e afluindo minhas emoções”. Terezinha

“As aulas ganham vida; sinto cheiro e sabor ao ouvir as tuas poesias. Posso dizer assim, porque ao lê-las tornas pessoal, tornas coletiva.” Neiva

Construímos uma didática com linguagens em Artes que proporcionou diferentes formas de pensar e de se comunicar; cada uma do seu jeito, seja através do choro, da brincadeira, da dança ou da alegria, trouxe as emoções como companheiras de jornada na construção de práticas de ensino reflexivas e/ou nas vivências de momentos de integração que beiravam o pessoal (PORTO, 2005). Realmente eu afetei as alunas-professoras e elas me afetaram. Vivemos – eu e elas – por aproximadamente um semestre, situações de intimidade, de respeito e de ternura, conforme conceitos de Restrepo (2001, p. 57), para o qual a ternura pressupõe aceitação dos outros como sujeitos fraturados, para os quais a única modalidade de reação válida é a “co-gestão e a práxis incerta, sem as quais é impossível construir uma verdade com o outro.”

Na avaliação da disciplina, elas evidenciaram uma percepção da organização do ensino, segundo uma postura comunicacional, na qual professora e alunas interagem e constroem, juntas, o caminho. Vivemos uma pedagogia em movimento, que ampliou os espaços e tempos de aprendizagem, os processos de educação e de comunicação, as vivências com linguagens variadas, sem perder de vista a reflexão sobre a construção de seus processos de formação, aceitando-se e respeitando-se porque “sem aceitação e respeito por si mesmo não se pode aceitar e respeitar o outro, e sem aceitar o outro como legítimo outro na convivência, não há fenômeno social” (MATURANA, 1998, p. 31).

Assim, entendo que aprender a ser professora é mais que compreender, conceituar e caminhar pelas certezas das racionalidades da profissão. Aprender é abrir os ouvidos, despertar a vista, permitir-se à alegria e à intuição que dormem escondidas na caminhada docente. Aprendi que uma professora que saiba o que dizer e para quem dizer é o complemento da professora que sabe ouvir, sentir, rir, brincar e deixar fluir em si, a aprendiz não só da profissão, mas a aprendiz da vida. E as linguagens em Artes permitem transpassarem fronteiras de conhecimentos, explorarem novas sensibilidade e jeitos de caminhar e aprender, agregando a estes, interações e interlocuções com os sujeitos e entornos que nos envolvem, pois aprendi, com Brandão (inspirado em Antônio Machado), que

“não faço o caminho
por onde eu caminho,
mas o caminho me faz
o seu caminho.

Se olho para trás,
não vejo as marcas
que eu deixei na trilha.
Mas dentro de mim eu sinto o sinal
que a trilha me deixou...”
(BRANDÃO, 2001, p. 82)

Referências

- ALVES, R. **Educação dos sentidos e mais**. Campinas: Verus, 2005.
- ASSMANN, H. **Reencantar a educação**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BABIN, P.; KOULOUMDJIAN, M. F. **Os novos modos de compreender: a geração do audiovisual e do computador**. São Paulo: Paulinas, 1989.
- BRANDÃO, C. R. **Orar com o corpo: preceitos e preces para os gestos das horas do dia**. Goiânia: Ed. UCG, 2003.
- MACHADO, A. **Campos de Castilla**. 14. Ed. Madrid: Cátedra, 2003.
- MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

Tania M. E. Porto

MATURANA, H. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Org. e tradução de Cristina Magro, Víctor Paredes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

PENTEADO, H. D. **Comunicação escolar**: uma metodologia de ensino. São Paulo: Salesiana, 2002.

PERES, L. M. Imaginário, poética e representação... a criança na aprendiz de professora. **Cadernos de Educação**, Pelotas: v. 18, p.154-162, jan./jun. 2002.

PORTO, T. M. E. A comunicação na escola e a formação do professor em ação. In: PORTO, T. M. E. (Org) **Redes em construção**: meios de comunicação e práticas educativas. Araraquara: JM, 2003a.

PORTO, T. M. E. Las tecnologías en la escuela – en búsqueda de una pedagogia con los medios de comunicación. **XXI, Revista de Educación**. Huelva, v. 5, p. 125-135, 2003b.

PORTO, T. M. E. (Um novo perfil de) formação docente e demandas educativas na era da informação e da comunicação. In: **CONGRESO NACIONAL IMAGEN Y PEDAGOGÍA; CONGRESO IBEROAMERICANO COMUNICACIÓN Y EDUCACIÓN**. 2004, Querétaro/ México. Anais... México, 2004.

PORTO, T. M. E. Cartas que ensinam quem ensina: uma mirada na trajetória docente. In: PERES, L. V.; PORTO, T. M. E. **Tecnologias da educação**: tecendo relações entre imaginário, corporeidade e emoções. [s.l. : s.n.] 2005.

RESTREPO, L. C. **O direito a ternura**. Petrópolis: Vozes, 1998.

ROJAS-BERMUDEZ, J. G. **Introdução ao psicodrama**. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

SANTOS, B. de S. **Um discurso sobre as ciências**. Porto, Portugal: Afrontamento, 1999.

Notas

1. São de minha autoria as poesias usadas para introduzir os itens do presente texto.

2. Numa turma de cinquenta e seis estudantes (professoras e professores em serviço), apenas dois eram do sexo masculino. Assim, neste texto, nossa referência a eles e elas acontece sempre no sexo feminino.

3. Uma das alunas (que não se identificou), na avaliação da disciplina sugeriu: *"mudar a forma de exigência dos trabalhos... quando pensávamos que estávamos no caminho certo, não era aquilo o exigido e foi muito no final."*

4. Para música convidei **Janice Müller**, minha amiga, com larga experiência como maestrina do Coral da FURG; para poesia convidei **Gilfredo Renck**, poeta e declamador de poesias; professor de Desenho Técnico no CEFET/RS.

5. Psicodrama é um método que tem como núcleo a dramatização de personagens, sentimentos e circunstâncias. Na educação, possibilita que a aprendizagem aconteça através da ação e interação dos sujeitos, permitindo que eles se expressem e confrontem seus saberes com os do

Aprendizagens com tecnologias, artes e comunicação em cursos de formação docente

grupo, num processo de partilha e construção coletiva de conhecimentos (ROJAS-BERMUDEZ 1970).

Correspondência

Tania Maria Esperon Porto - Rua Santa Cruz, 2434, apto. 501 - Pelotas/RS - CEP: 96015-710.
E-mai: taniaporto@terra.com.br

Recebido em 14 de fevereiro de 2006

Aprovado em 18 agosto de 2006

